

REFLEXÕES FEMININAS SOBRE O PENSAMENTO ECONÔMICO CEPALINO LATINO-AMERICANO. DIÁLOGOS COM MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES¹

Virginia Laura Fernández²

Resumo

Este trabalho propõe divulgar algumas reflexões sobre a contribuição do pensamento econômico latino-americano da CEPAL, através do uso da história oral feminina, na voz de Maria da Conceição Tavares, uma das economistas mais destacadas do mundo. A principal fonte, inédita, surge de uma entrevista que Tavares concedeu à autora em maio de 2019. A perspectiva de Tavares, uma referência feminina em um ambiente profissional marcadamente masculino, é questionada em três aspectos: a principal contribuição da CEPAL para a história do pensamento econômico; a contribuição de Tavares para o referido corpo teórico; e o principal desafio atual das economias latino-americanas. Adicionalmente, são esboçados os principais elementos teóricos deste pensamento: o sistema centro-periferia, a deterioração dos termos de troca e a heterogeneidade estrutural, assim como a discussão entre o dinamismo concentrador do Brasil proposto por Tavares e Serra, e o estagnacionismo de Furtado. Por fim, a autora reflete sobre as percepções das questões de gênero que surgem da entrevista.

Palavras chave: Maria da Conceição Tavares, Reflexões Femininas, História do Pensamento Econômico Latino-americano, CEPAL, Heterogeneidade Estrutural, Distribuição da Renda e da Propriedade.

JEL: A11, A13, B15, B52, B54

Área Temática: 1. METODOLOGIA E HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO

Abstract

This work presents some insights on the contribution of Latin American ECLAC economic thought through the use of feminine oral history, in the voice of Maria da Conceição Tavares, one of the most outstanding economists worldwide. The main source, unpublished, arises from an interview that Tavares gave the author in May 2019. The perspective of Tavares, a feminine reference in a markedly masculine professional environment, is questioned on three aspects: the main ECLAC contribution to the history of economic thought; Tavares' contribution to this theoretical body; and the main current challenge of Latin American economies. Additionally, the main theoretical elements of this thought are outlined: the center-periphery system, deterioration of the terms of trade and structural heterogeneity, as well as the discussion between the concentrating dynamism of Brazil proposed by Tavares and Serra, and Furtado's stagnationism. Finally, the author reflects on the perceptions of gender issues that surface from the interview.

Keywords: Maria da Conceição Tavares, Femenine Reflections, History of Latin American Economic Thought, ECLAC, Structural Heterogeneity, Distribution of Income and Property

¹ Uma versão deste texto foi publicada em inglês, in: Fernández, V. L. (2021). Feminine reflections on Latin American ECLAC economic thought. Dialogues with Maria da Conceição Tavares. *Cuadernos de Economía*, 40(84), 853-873. Porém, a entrevista em português ainda não foi publicada.

² Professora Adjunta Curso Ciências Econômicas e Programa Pós-Graduação em Economia Aplicada da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) e Programa de Pós-Graduação em Economia da UFPR. E-mail: virginalaurafernandez@yahoo.com.ar

1. INTRODUÇÃO:

Maria da Conceição de Almeida Tavares é uma das mentes mais brilhantes do pensamento crítico brasileiro e latino-americano. Uma "*mente rebelde, irrequieta e criativa*", diria Bielschowsky (2011, p. 24). Possas (2001, p. 389) afirma que: "*foi uma das economistas de maior influência sobre o pensamento econômico brasileiro desde os anos 60, em especial o heterodoxo*". Suas contribuições se estendem aos mais variados campos, incluindo a inauguração de uma teoria econômica na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL); por seu papel como professora e mentora de grandes intelectuais e políticos brasileiros nos Institutos de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); e por sua inserção na política brasileira consagrada em sua passagem pelo poder legislativo como deputada federal do estado do Rio de Janeiro entre 1995 e 1999.

Maria da Conceição Tavares, nascida em Anadia, Portugal, em 24 de abril de 1930, passou dos 90 anos. Essas linhas se propõem como uma singela homenagem à sua trajetória profissional e sua vasta contribuição como intelectual crítica e com um compromisso permanente com o desenvolvimento do Brasil e da região latino-americana. Deixando ouvir sua voz tão clara, precisa e contemporânea para diagnosticar o principal problema que condiciona ainda hoje (e o fez estruturalmente) o desenvolvimento brasileiro e latino-americano, qual seja: "*a distribuição da renda e da propriedade*".

Em maio de 2019, pude entrevistar a Maria da Conceição Tavares em sua residência no Rio de Janeiro. Conhecê-la, ficar cara a cara e dialogar com ela foi uma das experiências mais gratificantes da minha vida. Maria da Conceição Tavares, que tinha sido minha fonte de inspiração na área da economia política latino-americana e de quem ouvi uma palestra provocadora e esclarecedora sobre o futuro do Brasil no campus universitário da Praia Vermelha na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na minha primeira vinda ao Brasil, lá trás em 2003, estava então na minha frente para compartilhar uma conversa e um café.

O encontro ocorreu por ocasião da VII Conferência Latino-Americana de História do Pensamento Econômico, realizada na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, em novembro de 2019. Convidei-a para vir, pois organizamos uma sessão especial sobre os 70 anos do pensamento econômico da CEPAL, e ela seria a memória presente dessa história. No entanto, a possibilidade de uma viagem tão longa era difícil devido à sua idade, então decidi viajar para dialogar com ela e transmitir sua

mensagem. O que se segue é um trecho dessa conversa, naquela cálida tarde do outono carioca.

A entrevista completa teve como objetivo explorar, na experiência de Tavares, como as idéias e propostas de política econômica (estruturalistas latino-americanas) penetraram em cada instituição na qual ela participou (CEPAL, UFRJ - UNICAMP e Poder Legislativo) e se a interação entre tais instituições favoreceu para uma maior aderência a essas idéias. A questão de gênero foi abordada transversalmente, ao longo da sua carreira profissional e em sua experiência pessoal, uma vez que Maria da Conceição é um paradigma de quem esteve na maior parte de sua construção intelectual como "a" referência feminina em um ambiente profissional marcadamente masculino, como é o dos economistas.

O texto está organizado da seguinte forma, após esta introdução, na seção “Diálogos com Maria da Conceição Tavares” a entrevista é apresentada e algumas partes dela são transcritas. A seguir, na seção "As Bases do Pensamento Estruturalista Cepalino" são apontados brevemente os principais elementos teóricos que caracterizam esse pensamento e que inauguraram a Teoria Estruturalista do Sub (desenvolvimento), seguindo o fio condutor que emergiu das palavras de Tavares. Em primeiro lugar, expõe-se o sistema centro-periferia, a deterioração dos termos de troca e a heterogeneidade estrutural. Em seguida, traça-se a principal contribuição de Tavares, em colaboração com Serra, para o pensamento da CEPAL em torno do “estilo” particular de desenvolvimento brasileiro onde se combinam dinamismo econômico, injustiça social e concentração de renda, refletido em seu artigo “Além da Estagnação”, que se opõe e critica a tese estagnacionista de Furtado de 1969. Por fim, são apresentadas algumas reflexões oriundas da entrevista sobre a evolução da percepção das questões de gênero em uma esfera masculina como a dos economistas.

2. DIÁLOGOS COM MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES

Quanto à parte do encontro em que falamos sobre a CEPAL, a entrevista teve dois momentos diferenciados, abordando a perspectiva de Tavares. O primeiro, quando foi discutida a principal contribuição da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) para a história do pensamento econômico latino-americano e mundial. Nesse ponto, foi questionado sobre qual o principal elemento teórico da escola estruturalista; sobre o principal legado de Tavares dentro dessa escola e sobre o grande desafio atual para o desenvolvimento da América Latina sob uma perspectiva estruturalista.

Dado que o grande desafio e o atual problema para o desenvolvimento econômico da região e do Brasil, na perspectiva de Tavares, permanece a ser a crônica heterogeneidade estrutural, alimentada pela desigualdade na distribuição da renda e da riqueza. Em um segundo momento, foram levantadas questões sobre a aderência às propostas de política econômica da CEPAL nas economias da região e, em particular, no Brasil. Devido a que as reformas estruturais para reduzir a heterogeneidade estrutural e melhorar a distribuição da renda e da riqueza faziam parte das propostas estruturalistas da CEPAL para superar o subdesenvolvimento, já desde a década de 1960.

Especificamente, em um documento oficial da CEPAL de 1963, afirmava-se que:

“Os líderes políticos e os especialistas em ciências sociais da região nunca estiveram tão de acordo sobre a política geral necessária para o desenvolvimento sustentado[...] A reforma agrária, a industrialização diversificada e a redução das desigualdades extremas na distribuição da renda são aceitas hoje como elementos essenciais de uma política nacional coordenada” (CEPAL, 1963, p. 3)

Bielschowsky (2000) já tinha definido a década de 1960 como aquela em que a preocupação com a questão distributiva ganhou importância no pensamento da CEPAL. Furtado (1961, 1968) e Prebisch (1963) argumentaram que o problema de distribuição causado pela concentração de renda no Brasil e nos países da região era o principal fator que dificultava o desenvolvimento. Mais recentemente, Curado e Fernández (2019) fizeram uma breve periodização da relevância da questão distributiva no pensamento da CEPAL e destacam a década de 1960, seguindo Bielschowsky. Eles também afirmam que, na última década, iniciada em 2010, a questão distributiva se tornou o centro do debate por dois motivos. A primeira, porque fornece às políticas uma base centrada em uma abordagem baseada em direitos; e a segunda, porque a igualdade é uma condição para o avanço de um modelo de desenvolvimento focado em inovação e aprendizado, com efeitos positivos sobre a produtividade, a sustentabilidade ambiental, a disseminação da sociedade do conhecimento e o fortalecimento da democracia e da cidadania plena. Neste sentido, a melhora da questão distributiva estaria passando de ser um tema de interesse a ser uma questão indispensável para o desenvolvimento. Ou dito de outra maneira. A concentração da renda e da riqueza são considerados empecilhos para o crescimento econômico e o desenvolvimento.

A seguir, são transcritos alguns trechos da entrevista:

VLF: Maria, qual é a principal contribuição da CEPAL para a história do pensamento econômico latino-americano e também para a história do pensamento econômico mundial.

MCT: A CEPAL, para essa coisa de contribuição ao pensamento econômico em geral, tanto para América Latina quanto para o mundo, foi a introdução da ideia “centro-periferia³”. E foi o Prebisch que a introduziu. Ele que usou a expressão. Antes dele não era habitual alguém falar de um centro e de uma periferia. E incluiu nesse momento à América Latina na periferia.

VLF: A questão de alguns outros elementos que possam ser de expansão dentro de aquela ideia de dualidade.

MCL: A CEPAL basicamente introduziu a ideia de heterogeneidade estrutural. E foi o Aníbal Pinto que a introduziu. Que essa é uma ideia importante. Mas dualidade não é dele, dualidade é de um inglês⁴. A heterogeneidade estrutural que é de Aníbal Pinto⁵, porque ele acha que não há dualidade no nosso caso, que a América Latina é uma heterogeneidade estrutural.

VLF: Perfeito, mas essa ideia de “centro-periferia” que aí sim tem um elemento mais de dualidade, isso era mais marcante principalmente para o Prebisch e o Furtado.

MCT: Aí sim, essa ideia de “centro-periferia” foi o Prebisch que a introduziu e o Celso Furtado que a desenvolveu. É da escola cepalina em geral, digamos.

VLF: A CEPAL incorpora elementos dos economistas clássicos, de Keynes, de Marx, alguns elementos schumpeterianos. Nutre-se dos clássicos e os utiliza para entender os processos na América Latina. Mas

³ A principal contribuição de Raúl Prebisch ao pensamento da CEPAL na América Latina e que continua até hoje é o sistema "Centro-Periferia", que foi apresentado em Prebisch (1949) "Desenvolvimento econômico na América Latina e seus principais problemas".

⁴ Referindo-se à ideia de Singer de dualidade nos sistemas econômicos, que ele expôs em sua publicação de 1950, “A distribuição de ganhos entre países investidores e mutuários”. Evidenciando a contemporaneidade da análise de Singer e Prebisch.

⁵ A ideia de heterogeneidade estrutural é apresentada por Aníbal Pinto em "Natureza e implicações da heterogeneidade estrutural da América Latina" em 1970.

qual que a senhora acha que pode ser a principal contribuição para a história do pensamento econômico? Incluindo a sua contribuição para analisar o caso da América Latina... As ideias de Furtado vinculadas com a quantidade de mão de obra com pouca qualificação, a questão de que isso levaria a uma estagnação.

MCT: Eu sou contra a ideia de estagnação e escrevi contra o Furtado. Eu sou a favor da ideia da substituição de importações, essa que é da minha lavra. É que a ideia da estagnação não tem sentido. O Brasil não foi um país estagnado, nunca. E o Furtado nasceu aqui, trabalhava aqui. De maneira que é fantástico ele ter inventado a ideia da estagnação para um país que nunca teve estagnação.

VLF: E a senhora consegue mostrar depois que não vai ter estagnação, mas aí a senhora faz uma incorporação. E escreveu um artigo, com Serra.

MCT: Escrevi um artigo que se chama “Além da estagnação⁶” com Serra.

VLF: Aí a senhora faz uma discordância mais forte com o mestre Celso Furtado.

MCT: É verdade, aliás é a única e mais pesada, digamos. Porque o estagnacionismo dele nunca me convenceu. E eu fiz questão de fazer por escrito. Depois até eu escrevi para ele, pedindo desculpas. E ele... “não, imagina”. Não, porque o senhor é meu mestre...e ele disse, “não, seu mestre já morreu há muito tempo”. Ele achava que meu mestre era o Marx (risos).

VLF: E será que não era?

MCT: O Marx, o Keynes, sem dúvida... Os clássicos.

VLF: Porque a senhora justamente, incorpora essa questão mais marxista dentro do pensamento latino-americano. Porque o que mais era puxado eram as ideias keynesianas e schumpeterianas. Mas a questão marxista, do ciclo era a senhora que introduzia.

⁶ “Além da estagnação. Uma discussão sobre o estilo de desenvolvimento recente no Brasil”. Tavares e Serra (1971). A pesquisa foi apresentada anteriormente no Segundo Seminário Latino-Americano de Desenvolvimento, promovido pela UNESCO e pela FLACSO, em novembro de 1970. (Bielschowsky, 2000: 590).

MCT: É verdade. Eu que introduzia.

VLf: Essas contribuições para analisar o caso da América Latina. Dentro da história do pensamento econômico cepalino, nesses 70 anos. Essa ideia de “centro-periferia“. É o que a senhora acha que é o principal?

MCT: “Essa é a relação que se manteve. Que continua. Os centros são lá e nós continuamos periferia. Até prova em contrário, não tem nenhum país central na América Latina.”

VLf: E a questão do novo centro. A questão das novas perspectivas com a atual realidade com a Ásia em Desenvolvimento, com a China? Como isso tem que ser pensado?

MCT: Mas aí é um novo centro mesmo. No caso anterior foi primeiro a Inglaterra, o centro da economia mundial, depois os Estados Unidos e agora a China entrou na dança também. Acho que eles vão ser... Desde logo eles (a China) já são o centro da Ásia, sem dúvida. E são um centro quase capitalista. Ela ainda não chegou a ser capitalista porque tem muita intervenção do Estado. Mas é o centro mais importante da Ásia.

VLf: Esse novo centro (a China) está mudando o cenário internacional.

MCT: Tem tido influência forte.

VLf: Há autores que falam que os novos padrões de consumo mudaram com a ascensão da China e da Ásia em Desenvolvimento por produzirem bens de consumo que são acessível para a população mais pobre.

MCT: Essa é uma mudança porque antes o consumismo era apenas para as classes médias e agora passa a ser também para o povo.

VLf: Maria, a sua contribuição na CEPAL aqui no Brasil e no Chile?

MCT: Foi “Substituição de Importações”⁷, foi a primeira contribuição. Depois no Chile foi “Além da Estagnação” (1971), na CEPAL. No Chile analisei os demais países da América Latina, inclusive o Peru. E trabalhei com a coisa monetária, essa incorporação eu fiz lá no Chile. E dava aula na Escolatina.

VLF: Se a senhora puder explicar em poucas palavras, que são essas contribuições, que são esses textos de “Substituição de Importações” e de “Além da Estagnação”

MCT: O “Além da estagnação” é basicamente rejeitando a tese do Furtado de que nós estávamos caminhando para a estagnação. Que essa tese é de Furtado⁸.

...Porque nós não estávamos caminhando para nenhuma estagnação, nós sempre fomos uma economia dinâmica, então não sei de onde ele tirou a estagnação⁹.

VLF: E qual que era a fundamentação da senhora de que não haveria estagnação.

MCT: É que não havia estagnação, nunca houve, nós sempre fomos uma economia dinâmica. Eu não sei de onde que ele tirou a estagnação. Como que ele inventou a estagnação é que eu não sei. Nós nunca fomos uma economia estagnada.

VLF: Mas a ideia de que poderia vir uma estagnação pelo fato de que o mercado de consumo, ou a exploração da classe trabalhadora não permitiria expandir o consumo...

⁷ Referindo-se a "Ascensão e declínio do processo de substituição de importações no Brasil" (1964). Foi escrito como parte de "O processo de substituição de importações como modelo de desenvolvimento recente na América Latina", na CEPAL, Boletim Econômico da América Latina, vol. 9. N1. Nova York, março de 1964. Publicação das Nações Unidas. (Bielschowsky, 2000: 218). Posteriormente, foi publicado na coleção de artigos “Ascensão e declínio do processo de substituição de importações no Brasil - Da substituição de importações ao capitalismo financeiro”, em 1972.

⁸ A tese de estagnação de Furtado tem sua publicação seminal em “Development and Stagnation in Latin America: a structuralist approach. Studies” (1965)

⁹ Bielschowsky (2011) ao escrever sobre Maria da Conceição Tavares, argumenta que há uma questão de momentos de escritura. Furtado escreve no início dos anos 1960, quando a economia brasileira mostrou sinais de desaquecimento por parte do pequeno mercado de consumo. Em sentido contrário, Tavares e Serra escrevem no início do milagre econômico (1968-1973), quando se percebe que a concentração derivada das políticas salariais, tributárias e financeiras implementadas desde 1964, traria um novo padrão de crescimento impulsionado precisamente pela maior concentração da renda e a consequente ampliação do consumo de bens duráveis e de capital.

MCT: Não, isso é bobagem. Não permite incluir o consumo da classe média, isso é outra coisa, mas o consumo das classes populares expandiu-se brutalmente. O consumo de massas é um fato no Brasil. E se expandiu totalmente.

[...] “A minha explicação é que há ciclo, mas estagnação não. E o ciclo não tem que ver com a eficiência marginal de capital, tem que ver com as tendências cíclicas das economias capitalistas em geral. Então a ideia de estagnação é uma ideia equivocada no Furtado. Se há país onde não tenha tradição de estagnação é o Brasil. Não sei de onde ele tirou a estagnação. Eu acho que ele achava que ia ter, mas deu como um fato consumado que ia ter. Ele não disse que talvez tivesse ele disse que ia ter, e não teve”.

VLF: Se a senhora tivesse que deixar uma mensagem para as pessoas, pesquisadores, que estão pensando a História do Pensamento Econômico Latino-americano... Qual o principal desafio?

MCT: O problema maior da América Latina não é a estagnação é a distribuição de renda, que é péssima. Esse que é problema. Que dá lugar à heterogeneidade estrutural. Esta má distribuição de renda faz uma heterogeneidade estrutural do ponto de vista do consumo e da produção.

Esse que é o problema nosso, é o problema da heterogeneidade, não o problema da estagnação.

VLF: Esse elemento é de Aníbal Pinto...

MCT: Sim, vem daí. Ele foi meu mestre. Todo o que eu tenho de pensamento herético eu herdei dele. (risos)

O pensamento de Aníbal Pinto rendeu muito. É verdade que eu depois contribui para espalhar, mas ele tinha muito fã clube aqui também. Ele ficou vários anos no Brasil, era Diretor do Centro CEPAL-BNDE e gostava muito do Brasil, então se interessava. Foi muito importante para mim. Porque a CEPAL sozinha não teria feito com que eu ficasse tão herética. Devo ao Aníbal Pinto. Ele era um herético mesmo, era um heterodoxo.

VLF: E essa ideia de heterogeneidade estrutural depois foi resgatada e sintetizada por Octavio Rodríguez...

MCT: Sim, mas foi por causa do Aníbal Pinto.

VLf: E aí aparece uma coisa em que não se sabe qual é a causalidade. Porque a senhora falou sobre distribuição de renda e heterogeneidade... E essa ideia de que a distribuição de renda é o problema central, é a chave para a heterogeneidade estrutural. O para quem produzir?, digamos.

MCT: Isto.

VLf: E os chineses, parece que eles teriam alcançado a ideia de produzir para todos. Para as classes de renda mais baixas.

MCT: É verdade. Lá é um consumo de massas desde o início. Eles não tem aparentemente um problema sério de distribuição de renda, talvez tenham de riqueza, mas isso aí eu não sei porque não há dados. Não tenho dados sobre a China sobre a distribuição de riqueza. Mas a (distribuição) da renda não foi problema. Eles são um país de consumo de massas desde o início. Já nós não.

VLf: E essa questão para a senhora é a fundamental? O principal desafio, o principal elemento para pensar e realidade latino-americana.

MCT: É essa coisa da distribuição da renda, que é ruim. É a principal e tem que ver com a concentração da propriedade, né?

VLf: Qual seria a mensagem para deixar para os pesquisadores que trabalham com a história do pensamento econômico? Qual seria o principal desafio para América Latina nesse cenário nacional e internacional, com a presença da China, e no estágio de desenvolvimento em que se encontra o Brasil?

MCT: Eu acho que no que diz respeito à presença da China não tem problema, porque nós não somos concorrentes com a China nem estamos fazendo substituição de importações dos produtos chineses porque eles nunca foram exportadores para nós. Eles são mais de investimento direto. Não são exportadores diretos para nós. Não exportam produtos chineses. Está claro?

VLf: A senhora fala do que é produzido aqui com Investimento Estrangeiro Chinês?

MCT: Isto.

Que aí é complemente diferente. Isso não é substituição de importações, é substituição de investimento.

VLf: ...Mas mesmo que esteja crescendo? Porque a China está como principal investidor e principal importador do Brasil hoje.

MCT: É, está crescendo.

VLf: E qual é o principal problema ou desafio para pensar o Brasil e a América Latina?

MCT: É a distribuição de renda. Isso aí que é russo. Porque o problema da distribuição da renda é de um lado salarial, porque os salários são muito heterogêneos. Salário de pobre é uma coisa, salário da classe média é outra, salário de rico é outra. Como também da propriedade. Nós temos uma grande concentração de propriedade. E isso piora a distribuição de renda.

VLf: E essa concentração de renda está totalmente vinculada com a ideia de heterogeneidade estrutural do Aníbal Pinto, que a senhora também trabalhou muito na CEPAL.

MCL: Isto. Isso aí.

VLf: Então o principal desafio para pensar a América Latina e o Brasil, hoje seria...

MCL: Continua sendo a distribuição de renda... Mais do que o crescimento. Crescimento alguns países conseguiram crescer, outros não, mas por razões diferentes digamos. Agora, melhorar a distribuição de renda não tenho notícias de que nenhum país da América Latina tenha melhorado nada. Isso que é o pior. E portanto, a heterogeneidade continuará.

VLf: E por que será os países da América Latina mais progressistas, nos últimos anos, os governos do começo do século XXI (Lula, Néstor Kirchner na Argentina) não conseguiram fazer?

MCT: Eles tentaram, mas imagina. É que mexer na propriedade não é brincadeira. O pessoal pode mexer em tudo, mas na propriedade não. A propriedade é sagrada, "para eles". Eles nunca conseguiram fazer uma distribuição da propriedade, nem fazer leis que permitissem igualdade. Os espaços

dominantes aqui não brindam esse serviço. Na América Latina inteira, incluído o México que fez uma revolução popular e no entanto a distribuição da renda também é uma porcaria. O principal problema da América Latina é esse. Tem uma distribuição de renda e propriedade muito desigual. E com isso não fica desenvolvida, porque você não consegue equalizar a situação dos de baixo com os de cima.

VLf: E no Brasil vem piorando. E essa concentração desse 1% mais rico...

MCT: Claro ué, continua a mesma desgraça e os de baixo a mesma desgraça.

VLf: Tem uma proposta que a senhora diria... Teria que ser feito isso para resolver a situação...

MCT: Ué, mas teria que ser feito tudo, reforma agrária, reforma da propriedade, enfim.

VLf: As reformas pautadas na CEPAL original para mudar a estrutura produtiva?

MCT: Isto. Mas acontece que a CEPAL propôs reformas que nunca foram feitas. Uma coisa é propor e outra que a classe dominante encampe. E a classe dominante jamais encampou nas ideias da CEPAL, reformistas. Quando encampou em alguma foi conservadora, não foi reformista.

VLf: E a senhora fala em algum momento que o programa desenvolvimentista brasileiro é uma modernização¹⁰...

MCT: É. Por que é, uma modernização conservadora.

VLf: Então a senhora acha que não é um desenvolvimento de fato?

MCT: Não, não é que não é um desenvolvimento de fato, é que o desenvolvimento não é igualitário é um desenvolvimento heterogêneo. Mas é desenvolvimento de qualquer maneira. Não dá para dizer que não é porque é. Não é só o crescimento não, tem desenvolvimento produtivo também. Mas é desigual, é heterogêneo.

¹⁰ No filme “Um sonho intenso”, dirigido por José Mariani (2014), Maria da Conceição Tavares expressa “O programa desenvolvimentista brasileiro foi uma modernização conservadora, ponto final parágrafo, ué” (2014, minuto 28:46).

VLF: E a senhora acha que é possível fazer num capitalismo essa reforma na distribuição de renda e da riqueza?

MCT: No capitalismo subdesenvolvido, não. Não conheço nenhum caso, pelo menos. No capitalismo desenvolvido sim, porque eles fizeram reformas. Mas eles tiveram sindicatos ativos, partidos políticos de esquerda. Aqui não. Aqui isso nunca tivemos. Tivemos minorias de esquerda e minorias nos sindicatos, mas nunca eles foram ativos ou dominantes no cenário político. Enquanto que na Europa e nos Estados Unidos foram.

VLF: e a última pergunta. Como mulher a senhora ao longo da sua vida profissional, como professora, na CEPAL, na universidade... sentiu que alguma coisa pelo fato de ser mulher era diferente? O fato de enfrentar todos esses homens na CEPAL...

MCT: Não. Mas eu sou muito agressiva, de maneira que eles me respeitavam. Sou inteligente, sou agressiva, combativa....Então, também não é mole me enquadrar. Não é mole eles me enquadrarem, assim. Não conseguiram me enquadrar nunca...(risos)

VLF: E as outras mulheres? Por que não tem muitas mulheres nesses âmbitos...

MCT: Não tem por que não tem, ué. Não são agressivas, mas eu sou!

VLF: Mas então, para ser mulher e poder ser escutada tem que ser agressiva?

MCT: Ahhh tem que ser agressiva. Eu acho...Aqui neste país, quem é mole não sobrevive. Precisa ter uma postura combativa, senão não vai. Imagine.

VLF: E na CEPAL?

MCT: Mas aí não é importante porque não tem executivo...era diferente. E eu era a única mulher economista na CEPAL. De maneira que tinha simpatia de um modo geral. E o Aníbal Pinto que me votou na CEPAL, como ele era progressista...E eu trabalhei com ele...

VLf: E ele te defendia?

MCT: Ele sempre me defendeu, desde aqui. Eu fui lá a convite dele, claro. Eu devo tudo a Aníbal Pinto. Se não fosse o velho Aníbal eu estava na escola, dando aula. Quem me lançou no mundo foi ele. Velho amigo. Ele que me levou para a CEPAL, para a CEPAL no Chile. É meu mestre.

... Olha os meus dois mestres aí (na foto), o Aníbal Pinto e o Celso Furtado

Figura 1.

Foto da entrevista com Maria da Conceição Tavares e a foto com Aníbal Pinto e Celso Furtado.



3. AS BASES DO PENSAMENTO ESTRUTURALISTA CEPALINO

3.1 O Sistema Centro Periferia, O Deterioro dos Termos de Troca e a Heterogeneidade Estrutural.

No momento histórico em que foi escrito o documento fundacional da CEPAL¹¹ em 1949, prevaleciam as ideias sobre comércio internacional baseadas na teoria das vantagens comparativas de David Ricardo (Bielschowsky, 2000). Essa teoria afirmava que através do intercâmbio comercial, por via da especialização produtiva em setores em que as economias têm menores custos relativos de mão de obra, os países poderiam reduzir ou eliminar a distribuição desigual da renda e, desta maneira, alcançar maior eficiência produtiva e de comércio.

Entretanto, Prebisch, analisando a realidade da América Latina – como integrante da periferia – critica essa teoria, sugerindo que a difusão “lenta e desigual” do progresso técnico em escala internacional dá origem às diferenças nos graus de desenvolvimento dos países. Prebisch o expressa da seguinte forma:

La falla de esta premisa consiste en atribuir carácter general a lo que de suyo es muy circunscrito. Si por colectividad sólo se entiende el conjunto de los grandes países industriales, es bien cierto que el fruto del progreso técnico se distribuye gradualmente entre todos los grupos y clases sociales. Pero, si el concepto de colectividad también se extiende a la periferia de la economía mundial, aquella generalización lleva en sí un grave error. Las ingentes ventajas del desarrollo de la productividad no han llegado a la periferia, en medida comparable a la que ha logrado disfrutar la población de esos grandes países. De ahí las diferencias, tan acentuadas, en los niveles de vida de las masas de éstos y de aquélla, y las notorias discrepancias entre sus respectivas fuerzas de capitalización, puesta que el margen de ahorro depende primordialmente del aumento de la productividad. (1949: 297)

A conclusão de que há um hiato tecnológico entre os países centrais e os da periferia vem acompanhada da observação de que isso tem relações estreitas com a produtividade e os termos de troca. Para Prebisch existe uma penetração desigual do progresso técnico entre setores da periferia, o que gera ao interior dos países periféricos diferenças persistentes em suas produtividades. Assim, dado que a técnica penetra apenas nos setores exportadores de matéria-prima e não nos demais (mais atrasados), geram-se na periferia sistemas duais, que obstaculizam o processo de industrialização da periferia. Foi isso que observou ao analisar a evolução da economia mundial entre os anos 1876 e 1947:

En general, parece que el progreso técnico ha sido más acentuado en la industria que en la

¹¹ Em 1998 foi realizada uma compilação das principais contribuições teóricas da CEPAL, “Cinquenta anos de pensamento na CEPAL. Textos seleccionados”. Ricardo Bielschowsky foi o compilador dos textos e quem fez um trabalho de sistematização e análise por décadas, por temas de relevância e por autor. Em 2010 foi publicado “Sessenta anos da CEPAL”, compilado pelo mesmo autor e em 2018, foi publicada a coletânea “Desarrollo e igualdad: el pensamiento de la CEPAL en su séptimo decenio” compilada por Bielschowsky e Miguel Torres. Recomenda-se a leitura.

producción primaria de los países de la periferia, según se hace notar en un reciente informe sobre las relaciones de precios (del Board of Trade). En consecuencia si los precios hubieran descendido en armonía con la mayor productividad, la baja habría tenido que ser menor en los productos primarios que en los industriales; de tal suerte, que la relación de precios entre ambos habría ido mejorando persistentemente en favor de los países de la periferia conforme se desarrollaba la disparidad de productividades (Prebisch, 1949: 306).

Prebisch evidencia que a queda nos preços internacionais dos produtos primários não é acompanhada por uma dinâmica similar dos preços dos produtos industriais. Este fato contrapõe-se à teoria tradicional, incapaz de explicar que a melhora na produtividade da indústria não se traduz na redução dos preços dos produtos industriais.

Assim, os países que têm uma inserção externa baseada na exportação de bens primários encontrariam um obstáculo para seu crescimento, já que as divisas advindas da exportação perdem relativamente seu poder de compra. Esse desequilíbrio (em desfavor da periferia) entre a relação de preços das exportações e importações, que termina por obstruir as potencialidades de crescimento e desenvolvimento dos países periféricos, é conhecido como deterioração dos termos de troca. Prebisch, ao analisar a evolução da economia argentina e tratar dos problemas do desenvolvimento dos países latino-americanos, conclui:

Primero. Los precios no han bajado conforme al progreso técnico, pues mientras por un lado el costo tendía a bajar a causa del aumento de la productividad, subían por otra parte los ingresos de los empresarios y de los factores productivos. Cuando el ascenso de los ingresos fue más intenso que el de la productividad, los precios subieron en vez de bajar.

Segundo. Si el crecimiento de los ingresos en los centros industriales y en la periferia hubiese sido proporcional al aumento de las respectivas productividades, la relación de precios entre los productos primarios y los productos finales de la industria no hubiese sido diferente de la que habría existido si los precios hubiesen bajado estrictamente de acuerdo con la productividad. Y dada la mayor productividad de la industria, la relación de precios se habría movido en favor de los productos primarios.

Tercero. Como en realidad la relación, según se ha visto, se ha movido en contra de los productos primarios entre los años setenta del siglo pasado y los años treinta del presente, es obvio que los ingresos de los empresarios y factores productivos, han crecido, en los centros más que el aumento de la productividad y en la periferia menos que el respectivo aumento de la

misma.

En otros términos, mientras los centros han retenido íntegramente el fruto del progreso técnico de su industria, los países de la periferia les han traspasado una parte del fruto de su propio progreso técnico (Prebisch, 1949: 308, 309).

O trecho supracitado põe em xeque a teoria tradicional sobre o comércio internacional baseado nas vantagens comparativas ricardianas e por sua vez afirma que não existe um “efeito derrame” surgido do progresso técnico das economias capitalistas pela via de melhoras produtivas e redução dos preços dos produtos industriais. E mais, se existir um efeito derrame ou transferência do fruto do progresso técnico será em sentido inverso, da periferia ao centro, como expressado no último parágrafo. Esses postulados constataam uma relação entre o crescimento econômico e a restrição externa gerada pela assimetria na elasticidade renda das exportações e importações nos países exportadores de matéria-prima e de produtos industriais, que se reflete também na relação entre os países centrais e os periféricos.

O sistema centro-periferia é o que se estabelece a partir de uma inserção dos países na divisão internacional do trabalho em que aqueles que foram os primeiros a entrar no processo de industrialização, como a Inglaterra, os países europeus, os Estados Unidos e o Japão apresentam um domínio em termos de criação e difusão do progresso técnico. Progresso técnico que chega nos demais países, que se mantem inseridos na economia mundial através da economia primária (produção de alimentos e matérias primas), de maneira “lenta e desigual”. Os primeiros, países considerados grandes centros industriais por sua predominância no controle dos avanços do progresso técnico e da melhora da produtividade, são os países centrais. Os segundos, aquele vasto conjunto de países que produzem bens primários, insumos e alimentos úteis para as economias centrais, garantem a alimentação e a produção industrial deles, a um menor custo, estas são as economias periféricas. Neste último grupo, claramente, se encontravam os países da América Latina, foco do diagnóstico do Prebisch.

O ponto chave é que essa difusão “lenta e desigual” do progresso técnico entre os países centrais e os periféricos condiciona que tal relação se mantenha ao longo do tempo. Ou seja, enquanto os países periféricos se mantenham inseridos na divisão internacional do trabalho produzindo alimentos, matérias primas e *commodities* e implementando em tais setores os avanços do progresso técnico desenvolvido pelos países centrais, haverá um aumento da produtividade, um aumento da produção e uma redução dos preços dos alimentos, das matérias primas e das *commodities* que beneficiará aos países compradores (países centrais, grandes centros industriais). Porém, os frutos que a implementação do

progresso técnico gerou nas economias periféricas em termos de aumento de produção e redução de preços ficam nos países centrais e não nas economias periféricas.

Gurrieri sintetiza que Prebisch considera que o sistema centro-periferia, funcionava para satisfazer as necessidades e interesses dos centros industriais (onde o progresso técnico se originou e difundiu com rapidez); que os países periféricos se inserem no sistema na medida em que podem servir àqueles interesses e necessidades, fornecendo matérias primas ou alimentos e recebendo produtos manufaturados e capitais; e que essa inserção (da periferia) é insuficiente para equiparar o nível de renda da periferia ao dos centros. Essa inserção “impõe à estrutura produtiva periférica dois traços negativos – heterogeneidade estrutural e especialização – como consequência da lenta e irregular¹² penetração do progresso técnico”.

Emergem, pois, três desigualdades entre os centros e as periferias. A primeira, na posição e na função que ocupam dentro do sistema mundial, sendo que o centro é o provedor e a periferia absorvedor do progresso técnico. A segunda, em suas estruturas produtivas, sendo que o centro possui uma estrutura produtiva diversificada e homogênea, enquanto a periferia é especializada e heterogênea. A terceira, em seus níveis médios de produtividade e de renda, sendo elevados nos centros e baixos nas periferias.¹³ (Gurrieri, 2011: 21)

A heterogeneidade estrutural, entendida com o círculo vicioso que cria e reforça as divergências entre países centrais e periféricos em torno da estrutura produtiva, da estrutura do mercado de trabalho, do potencial de crescimento, da renda per-capita e dos salários, já aparecia nos escritos fundacionais de Prebisch e Furtado quando analisadas as economias agrário-exportadoras. Porém, Aníbal Pinto incorpora uma análise das heterogeneidades internas nas regiões dos países e após o início do processo de industrialização. Pinto parte da constatação de que os frutos do progresso técnico tendem a se concentrar em apenas alguns setores, tanto no que tange à distribuição da renda entre as classes sociais, quanto da distribuição entre setores (estratos) e entre regiões de um mesmo país.

Assim, a heterogeneidade estrutural deriva da existência de uma estrutura produtiva heterogênea, na qual coexistem poucos setores com produtividade alta (vinculados à exploração das vantagens comparativas naturais) e muitos setores de baixa produtividade (intensivos em mão-de-obra de baixa

¹² Gurrieri caracteriza como “irregular” à forma de difusão do progresso técnico nas periferias, como semelhante da denominação “desigual” que é a expressão utilizada originalmente pelo Prebisch, e retomada em Rodríguez (2006) e Cimoli & Porcile (2011). Consideraremos irregular como um sinónimo de desigual neste texto.

¹³ Para uma leitura aprofundada e sintética dos principais conceitos sobre o Estruturalismo Latino-americano e suas conexões internas ver “El Estructuralismo Latinoamericano” de Octavio Rodríguez, 2006. Para uma compreensão formalizada desse marco teórico consultar Cimoli & Porcile “Technology, heterogeneity and Growth: A Structuralist Toolbox”, de 2011.

qualificação).

Adicionalmente, depois de analisar os resultados do impacto da industrialização sobre a heterogeneidade estrutural dos países da região, fortalece seu argumento sobre a reprodução da velha heterogeneidade estrutural imperante no período agrário-exportador. O problema central derivaria da dificuldade que existe nos centros industriais da periferia de interagir com os setores obsoletos tradicionais. “*O aspecto principal não é o de se tratar de áreas diferenciadas, mas de ser nula ou mínima a “irradiação” do locus exportador para o “interior” [hinterland]*”¹⁴. O primeiro (o complexo exportador) cresce de e para fora, enquanto o segundo “vegeta” sem outros estímulos, a não ser os “endógenos”. (Pinto, 1970: 1). O principal problema é que, desde essa perspectiva, a industrialização não eliminaria a heterogeneidade estrutural, mas apenas modificaria seu formato¹⁵. Este ponto se colocava como central: embora houvesse crescimento econômico poderia se perpetuar o subdesenvolvimento da região. Essa questão levou a Pinto a indagar sobre novos estilos de desenvolvimento, com maior justiça social e que visasse à redução da heterogeneidade estrutural.

3.2. Estagnação versus Dinamismo: “*Além da Estagnação*”.

A primeira contribuição de Maria da Conceição Tavares ao pensamento estruturalista cepalino foi em 1964, com “Auge e declínio do Processo de Substituição de Importações no Brasil”. No artigo, ela argumenta que a industrialização não resolveria per se o problema da escassez de divisas nos países periféricos e em particular no Brasil, porque o processo de substituição de importações, embora transformasse a estrutura produtiva para alguns setores mais qualificados, cairia no estrangulamento do balanço de pagamentos, posto que a produção para o mercado interno (para dentro) implicava na demanda por bens de capital estrangeiros, o que acabava sustentando o desequilíbrio no balanço de pagamentos, que é estrutural no caso dos países da região.

Prebisch nos documentos fundacionais já expressava essa preocupação, e afirmava que tal situação seria mantida até que o processo de industrialização por substituição de importações fosse completado. Porém, a formulação de Tavares é precisa na explicação de que havia uma dinâmica substitutiva particular, própria dos países da região, pela maneira em que reagem diante os estrangulamentos sucessivos do balanço de pagamento ao longo desse processo. Ou seja, o processo de substituição de

¹⁴ As itálicas são do original.

¹⁵ A resultados semelhantes de que a industrialização apenas alterou o problema, mas não resolveu o subdesenvolvimento na região chegaram os Cepalinos que desenvolveram a teoria da dependência na década de 1960 e inícios de 1970. (Bielschowsky, 1998, 2000)

importações, que iria evoluindo progressivamente desde os setores de mais fácil instalação (pouco exigentes de tecnologia, capital e escala) até os setores mais sofisticados e exigentes, levaria a um processo de crescimento, absorção da mão de obra e de consumo que iria acompanhando o processo e que portanto, implicaria numa alteração na composição das importações, mas não numa redução. (Bielschowsky, 2000: 29). Vale ressaltar também que esse processo não seria prejudicial para o centro, já que manteria um ciclo dinâmico de demanda externa e de preços de equilíbrios menores.

Embora dita primeira contribuição tenha sido relevante, o texto que a colocou no centro do debate cepalino foi “Além da Estagnação: uma discussão sobre o estilo de desenvolvimento recente do Brasil”. Texto desenvolvido no próprio escritório da CEPAL no Chile, em coautoria com José Serra, e que fora apresentado em um seminário internacional em novembro de 1970 e publicado em dezembro de 1971.

“Além da estagnação” é central porque ajudou a formular argumentos para interpretar os possíveis “estilos” de desenvolvimento nos países da região, eixo analítico da CEPAL nos anos 1970. É central também, porque ataca com fundamentos sólidos as teses estagnacionistas que se espalhavam ao longo dos anos 1960 sobre o esgotamento do modelo substituto na região, em particular a tese de Celso Furtado divulgada em 1969, em “Desenvolvimento e estagnação na América Latina: um enfoque estruturalista”.

A tese de “Além da Estagnação” analisa e interpreta o processo de crise e recuperação da economia brasileira em meados da década de 1960 e, a partir disso, evidencia que há aspectos particulares do estilo de desenvolvimento econômico brasileiro, dos quais derivam formas específicas de funcionamento de uma economia capitalista em que acontecem: processos de expansão, difusão e incorporação do progresso técnico e, em simultâneo, reconcentração econômica. (Tavares & Serra, 1971: 591-592). Ou seja, para Tavares e Serra (1971):

“No caso brasileiro, em particular, a pesar de que a economia tem-se desenvolvido de modo extremamente desigual, aprofundando um conjunto de diferenças relacionadas com consumo e produtividade, logrou-se estabelecer um esquema que possibilita a geração de fontes internas de estímulo e expansão, que confere dinamismo ao sistema. Neste sentido, pode se dizer que enquanto o capitalismo brasileiro desenvolve se de maneira satisfatória, a nação, a maioria da população, permanece em condições de grande privação econômica, e isso, em grande medida, devido ao dinamismo do sistema ou, ainda, ao tipo de dinamismo que o anima.” (Idem: 593)

Desta maneira, a economia brasileira é um caso particular e possível de acontecer na América Latina de que exista um período de dinamismo econômico, com elevadas taxas de crescimento econômico, elevado investimento que caracteriza o avanço substitutivo de importações em setores mais sofisticados, porém com grandes injustiças sociais, as que para os autores (Tavares e Serra) se geravam pela compressão salarial.

A principal diferença entre Furtado (estagnacionismo) e Tavares e Serra (dinamismo concentrador “perverso”) é sobre a percepção da crise do início dos anos 1960 no Brasil. Enquanto Furtado vincula a estagnação econômica à perda de dinamismo do processo de industrialização apoiado pela substituição de importações e, por isso, se preocupa com a evolução e comportamento da estrutura de demanda, que é dependente, e por sua vez, pela distribuição da renda. Por sua vez, Tavares e Serra consideram que a crise que acompanha o esgotamento do processo substitutivo representa para alguns países, entre os que se encontra Brasil, uma situação de transição a um novo esquema de desenvolvimento capitalista. Esse novo esquema poderia apresentar “características dinâmicas e ao mesmo tempo reforçar alguns aspectos do “modelo” substitutivo de crescimento em suas etapas mais avançadas, como a exclusão social, a concentração espacial e o atraso de certos subsectores econômicos quanto aos níveis de produtividade” (Tavares e Serra, 1971: 592). Adicionalmente, é possível contrapor que a análise de Furtado se baseia na ideia de que haveria uma relação produto/capital baixa pelo processo substitutivo, que desincentivaria o investimento e contribuiria a manter a estagnação da economia. Entretanto, Tavares e Serra consideram que a relação produto/capital é um resultado do processo produtivo e que a variável relevante para incentivar o investimento é a taxa de mais-valia (ou a taxa de exploração).

Por fim, é importante ressaltar que na apresentação que Ricardo Bielschowsky faz sobre o texto “Além da Estagnação”, expõe que o artigo foi escrito “na sede da CEPAL no Chile sob a influência direta do seu mestre Aníbal Pinto, quem em sua já influente tese da heterogeneidade estrutural, ajudara a abrir espaço para a ideia”. (Bieschowsky, 2000: 49). Como antes esboçamos, a ideia de heterogeneidade estrutural aperfeiçoada por Pinto, possibilitava entender a coexistência de um processo de industrialização substitutivo de importações sem melhorar a heterogeneidade estrutural das economias da região. Pinto em 1976 escreveria um dos textos fundamentais sobre “estilos” de desenvolvimento do pensamento cepalino em “Notas sobre estilos de desenvolvimento na América Latina”.

4. REFLEXÕES FINAIS EMANADAS DA ENTREVISTA

O diálogo com Maria da Conceição Tavares foi uma experiência transformadora e provocadora. Pelo

conhecimento compartilhado, por sua visão de longo prazo, por definir em poucas palavras aqueles que ainda são os principais obstáculos ao desenvolvimento da região latino-americana: a péssima distribuição da riqueza e da propriedade. E por perceber que ainda são necessárias as reformas estruturais historicamente sugeridas pela CEPAL: reforma agrária, patrimonial, financeira, tributária, educacional e tecnológica, bem como aquelas que reduzam a heterogeneidade estrutural dos países da região.

Embora o exposto sugira certa semelhança temática sobre o problema do subdesenvolvimento latino-americano ao longo das décadas, a percepção das questões de gênero parece ter tido uma evolução mais notável e isso mostra uma mudança geracional que se expressa na entrevista.

Uma das principais contradições que surgiram durante a entrevista foi que quando questionada sobre a questão de gênero Maria da Conceição respondeu que nunca se sentiu subestimada, pois como era "agressiva" (expressão que ela mesma várias vezes utilizou ao longo da entrevista) todos a respeitavam.

A percepção que Maria da Conceição tinha de si mesma e das economistas que lhe foram contemporâneas parece ter uma conotação negativa de gênero - falando de forma sutil, lembremos a expressão: *“para ser ouvida uma mulher tem que ser agressiva”*. Ou sua outra resposta, quando argumenta que sua proximidade com Aníbal Pinto a mantinha protegida, do que pode ser inferido que, com um homem de referência no meio profissional, é mais difícil ser atacado.

Em relação ao uso do adjetivo “agressiva” quero deixar bem claro qual foi a delimitação dada ao conceito, para evitar qualquer interpretação errônea. O dicionário de sinônimos e antônimos Houaiss dá três acepções para agressiva, a de “combativa”, “provocadora” e “violenta”. Claramente, a Maria da Conceição se autodenominou como agressiva no sentido de “combativa” e “provocadora” para apresentar e defender suas ideias em prol de tornar o Brasil um país mais desenvolvido e justo. Se reforça que em nenhum momento ela se referiu a agressiva como violenta.

Desse modo, é possível afirmar que a resposta de Tavares expõe claramente uma questão de gênero e seu papel ou sua busca por um modo de se relacionar em um ambiente historicamente masculino. Um aspecto geracional sobre a questão de gênero também emerge das falas da entrevista, uma vez que ela não o vê como um problema de gênero, mas como uma "condição" de qualquer mulher de seu tempo.

A falta de percepção de Tavares sobre o tratamento que recebia por ser mulher também fica evidente em uma parte da entrevista, que não foi exposta neste artigo, quando ela é questionada sobre por que nunca ocupou um cargo relevante no poder executivo (Ministério da Fazenda, Ministério do Planejamento, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Banco Central, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Embora ela expresse que nunca sentiu diferença no tratamento, é chamativo que a maioria dos homens de sua grandeza intelectual, inclusive muitos que foram formados por ela, alcançaram essas posições.

Por fim, é importante destacar o valor do uso desse tipo de fonte na ciência econômica. Os registros da história oral resgatam algumas nuances espontâneas muito difíceis de captar em outro tipo de registro escrito, no qual há mais tempo para refletir, mas também para construir respostas mais padronizadas ou que aderem a uma abordagem mais lógica do conhecimento ou rotina.

Figura 2.

Foto da entrevista com Maria da Conceição Tavares



4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bielschowsky, R. (2011). "Homenagem à professora de todos nós!" In: *Desenvolvimento e igualdade/Maria da Conceição Tavares; Organizadores: Vanessa Petrelli Corrêa, Monica Simioni.* – ed. esp. – Rio de Janeiro: IPEA, pp. 23-29.

Bielschowsky, R. (comp). (2000). *Cinquenta anos de pensamento da CEPAL*, Rio de Janeiro, Editora Record.

Cimoli, M. & Porcile, G. (2013). "Tecnología, heterogeneidad y crecimiento: una caja de herramientas estructuralistas," In: *Serie Desarrollo Productivo 194*, Santiago de Chile, CEPAL, setiembre.

CEPAL, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (2018). *La ineficiencia de la desigualdad.* (LC/SES.37/3-P), Santiago, Chile.

_____ (2010). *A hora da igualdade: brechas por fechar, caminhos por abrir.* (LC/G.2432(SES.33/3) Santiago, Chile.

_____ (1990). *Transformación productiva con equidad: la tarea prioritaria del desarrollo de América Latina y el Caribe en los años noventa.* Santiago, Chile.

_____ (1963). "Etapa actual del desarrollo económico y social de América Latina" en *El desarrollo económico de América Latina en lo pos-guerra.* Santiago, Chile.

Curado, M.L & Fernández, V. L. (2019) "Igualdade, Justiça e Crescimento no Brasil". In: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), *O futuro do crescimento com igualdade no Brasil: ensaios vencedores do concurso em comemoração aos 70 anos da CEPAL*(LC/TS.2019/13; LC/BRS/TS.2019/2), Santiago, pp. 13-20.

Gurrieri, A. (2011). *Raúl Prebisch. O Manifesto Latino-Americano e outros ensaios.* Rio de Janeiro, Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado.

Furtado, C. (1968). *Brasil: tempos modernos*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

_____ (1969). "Desarrollo y estancamiento en América Latina: un enfoque estructuralista", *Investigación económica*, vol. 29, No 113, México, D.F., Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), enero-marzo.

_____ (1961). *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura.

Pinto, A. (1970). "Natureza e implicações da heterogeneidade estrutural da América Latina" in Bielschowsky, Ricardo (org.) *Cinquenta anos de pensamento na CEPAL*, vol. I. Rio de Janeiro, Cofecon-Cepal; Record, 2000, p. 567-588.

Possas, M.S. (2001). "Maria da Conceição Tavares". *Estudos Avançados*, 15 (43), 2001, pp. 389-400.

Prebisch, R. (1963). *Hacia una dinámica del desarrollo latino-americano*, Santiago, CEPAL.

- _____ (1949). In Bielschowsky (comp) "ECLAC Thinking. Selected Texts 1948-1998". *ECLAC*, United Nations, december 2016, pp. 45-84.
- Rodriguez, O. (2006). *El Estructuralismo Latinoamericano*, México, Siglo XXI Editores, CEPAL, Naciones Unidas.
- Singer, H.W. (1950), "The distribution of gains between investing and borrowing countries", *The American Economic Review*, vol. 40, No 2, Menasha, American Economic Association, may.
- Solow, R. M. (1956). "A Contribution to the Theory of Economic Growth". *The Quarterly Journal of Economics*, vol. 20, núm. 1, pp. 65-94.
- Swan, T. W. (1956). "Economic Growth and Capital Accumulation". *Economic Record*, núm. 32, pp. 334-361.
- Tavares, M. C. (1964). "Auge y declinación del proceso de substitución de importaciones en Brasil". *Boletín Económico de América Latina*, CEPAL, vol. 9. N1. Nueva York, Publicación de Naciones Unidas, marzo de 1964. In: *Cincuenta años del pensamiento de la CEPAL: textos seleccionados*. Santiago, Fondo de Cultura Económica/CEPAL, 1998 - v. 2, pp. 569-588.
- _____ & Serra, J. (1971). "Más allá de la estagnación. Una discusión sobre el estilo de desarrollo reciente en Brasil". *Trimestre Económico*, 152, noviembre-diciembre. México. *Cincuenta años del pensamiento de la CEPAL: textos seleccionados*. Santiago, Fondo de Cultura Económica/CEPAL, 1998 - v. 2, pp. 569-588.